



O MUNDO DO TRABALHO E SUAS METAMORFOSES: UM ESTUDO ACERCA DO LIVRO “ADEUS AO TRABALHO?”

SILVA, Emanuelle Veiga da
DIAS, Jussara Medeiros (Orientadora)

Resumo

Desde sua gênese o mundo do trabalho sofreu diversas alterações especialmente com o advento dos modos de produção: Taylorista, Fordista e Toyotista. Esses modelos transformaram profundamente o proletariado e as formas de trabalho, pois juntamente com o desenvolvimento do capitalismo traçaram-se modos de exploração diferenciadas que resultaram em uma larga produção de riquezas as quais historicamente se concentram apenas nas mãos dos donos dos meios de produção aumentando a pauperização dos trabalhadores e o abismo existente entre as classes. Para a realização desse artigo foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica e exploratória tendo como base o livro “Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses do mundo do trabalho de Ricardo Antunes objetivando apresentar as transformações ocorridas no mundo do trabalho com o advento dos modos de produção capitalistas os quais são resultados do neoliberalismo e seu ideário de Estado mínimo para os mínimos e ampla exploração da classe trabalhadora.

Palavras-chave: Taylorismo; fordismo; toyotismo; mundo do trabalho; metamorfoses.

Abstract

From its genesis in the world of the work suffered diverse, especially with the advent of the modes of production: Taylorista, Fordista and Toyotista. These models have profoundly transformed the proletariat, and as forms of labor, they overcome with the development of capitalism different modes of exploitation have been traced which have resulted in a large production of resources, as historically concentrated only in the hands of the owners of the means of production, increasing the Perception of exercises and abyss existing between classes. For the accomplishment of the article was used Bibliographic and exploratory research method based on the book "Goodbye to work? Essays on how metamorphoses of the world of the work of Ricardo Antunes aiming to present as transformations occurred in the world of work with the advent of the modes of production capitalists of each of the results of neoliberalism and its ideals of minimum state for the minimum and broad of the working class.

Keywords: Taylorism; Fordism; toyotism; world of work; metamorphoses.

INTRODUÇÃO

Ricardo Antunes em seu livro “Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho” (2015) faz uma reflexão crítica acerca das novas configurações de trabalho que estão transformando o modo que os indivíduos vivem e a sua relação com o trabalho quanto forma de subsistência. Nesse sentido o objetivo deste artigo será apresentar uma resenha dos principais pontos percorridos pelo autor bem como suscitar um debate acerca da temática visto que o resultado da atual conjuntura de regressão de direitos é uma continuidade de um processo apresentado nos primórdios o capitalismo. Ao final do livro o autor ainda discorre acerca das novas profissões que estão surgindo com todas essas metamorfoses neoliberais e dessa forma indica que não há um fim do trabalho (até pela sua essência ser no sentido de transformação da natureza pelo Homem a seu favor, o que é inerente aos indivíduos), mas sim novas configurações desses exigindo uma qualificação constante do trabalhador objetivando não ficar a mercê do desemprego estrutural. Nesse sentido é de suma importância a discussão da temática aqui abordada visto que retoma uma problemática real na atual conjuntura a qual possui um forte ranço histórico dentro da sociedade o que a torna uma espécie de ciclo vicioso.

MATERIAL E MÉTODO

Para a realização do presente artigo utilizou-se do método de pesquisa bibliográfica e exploratória sendo realizada uma análise crítica com base no materialismo histórico e dialético acerca do livro intitulado “Adeus ao trabalho?” de Ricardo Antunes.

A Revolução no Mundo do Trabalho Ocasionados pelo Advento dos Modos de Produção Taylorista, Fordista e Toyotista

Ricardo Antunes (2015) inicia o livro mostrando as transformações tecnológicas da década de 1980 que marcaram profundamente o trabalho e as relações que se traçam acerca desse ambiente, bem como a perda de direitos, o aumento da exploração com o objetivo de aumentar o lucro e alimentar o

sistema capitalista. O Fordismo/Taylorismo efetivou as indústrias e o trabalho, caracterizou-se pela produção em larga escala com pouca ou nenhuma variedade de produtos, controle do tempo e dos movimentos, linha de montagem, segmentação do trabalho, separação entre o planejamento e a ação, especialização segmentada do trabalho. Esse modo de produção ainda hoje está muito presente em vários países como nos Estados Unidos, por exemplo. O quadro apresentado só foi possível com o incremento tecnológico do período uma vez que possibilitou o desenvolvimento das máquinas e consequentemente aumentou o domínio do capitalista sobre o trabalhador. Outro importante modo de produção que emergiu no pós Segunda Guerra Mundial foi o modelo Toyotista, há quatro processos e fatos que perimiram sua gênese primeiramente no Japão num cenário de crise: 1ª- introdução do modelo dentro da indústria japonesa; 2ª- conseguiu atender às necessidades da crise que se desenhava de aumentar a produção, diminuir os custos e os funcionários; 3ª- produzia-se apenas o que era necessário, no menor tempo, evitando desperdícios e acompanhando o mercado (método Kanban); 4ª- expansão do método Kanban para outras empresas (ANTUNES, 2015). O Toyotismo tinha algumas características semelhantes ao modelo discorrido anteriormente como as esteiras, a produção cronometrada, porém desenvolveu traços muito marcantes como a polivalência, ou seja, o indivíduo é obrigado a operar várias máquinas ao mesmo tempo e/ou desempenhar várias funções simultaneamente, a produção flexível de acordo com a demanda do mercado, fabricação de diversos produtos, estoque mínimo, trabalho em equipe, eliminação do desperdício. Essa flexibilização trazida pelo modelo impacta diretamente nos trabalhadores uma vez que abre brechas para uma exploração crescente caracterizada por jornadas de trabalho maiores, terceirização (salário baixos, fraco vínculo com a empresa), maior incidência de acidente de trabalho, esgotamento físico e mental, dentre outras consequências. No Japão, a Toyota trabalha com grupo de, em média, de oito trabalhadores e “incentiva” os funcionários com um aumento caso não haja nenhuma falha na produção, porém se um deles falha, os demais perdem a bonificação, trazendo retaliações dos sete contra esse um que cometeu o erro o colocando em

sofrimento. Esse modo de produção e exploração asiático tende a se expandir pelo mundo fragilizando os últimos suspiros do que ainda restou do estado de bem estar social europeu e fortalecendo o sistema neoliberal que vem se mostrando imperante no globo.

Da mesma forma que o Toyotismo trouxe elementos ruins, o mesmo também apresentou melhorias com relação aos modelos Fordistas e Taylorias, pois incorporou o trabalhador no processo produtivo, elevou o investimento intelectual do funcionário, diminuiu a hierarquia, o nepotismo, mas ainda sua face se mostra voltada para o lucro e exploração.

O Impacto dos Modos de Produção na Vida dos Trabalhadores e o Surgimento de Novas Profissões

Atualmente o mundo do trabalho vem se modificando, a classe operária clássica tende à diminuição e o trabalho assalariado cresce aliado à expansão da terceirização, precarização, subcontratos, incorporação das mulheres e a exclusão dos jovens e idosos. Esse quadro deve-se muito ao advento da revolução tecnológica e junto a ela o desemprego estrutural, cada vez mais as pessoas são substituídas por máquinas, robôs e demais equipamentos eletrônicos, a tendência no Japão é que, até o final do século, todo o trabalho industrial seja exercido por máquinas. O panorama apresentado tende a desregular as leis trabalhistas, os direitos sociais, a precarização tanto do emprego quanto dos salários, desproteção sindical, dentre outros elementos. As terceirizações, por exemplo, garantem um custo menor com fragilidade legal o que possibilita uma exploração intensificada. Porém, Ricardo Antunes (2015) coloca que à medida que algumas funções vão desaparecendo outras vão surgindo, em especial aquelas ligadas à informática, tecnologia além das já citadas como os subcontratos, o autor faz essa relação dizendo que o trabalho morto está tomando o lugar do trabalho vivo, ou seja, as pessoas são trocadas pelas máquinas, porém essas novas profissões que estão sendo demandadas requerem uma qualificação maior da mão de obra, pois irão administrar esse novo tipo de produção, o homem não irá trabalhar com a matéria em seu estágio primário necessitando de um conhecimento para atender essa

demanda emergente, dessa forma as pessoas se obrigam a passar por uma intelectualização com o objetivo de se manter no mercado, em contrapartida há, simultaneamente, um processo de desqualificação dos trabalhadores uma vez que o capitalismo precisa desse tipo de pessoas para trabalhar como terceiros ou em subempregos e dessa forma ter uma mão de obra barata. (ANTUNES, 2015)

Nesse cenário ocorrem várias formas de desemprego, um exemplo bem claro é o tecnológico causado pela substituição do trabalho humano por máquinas visto que o que antes uma tarefa que era necessário 40 trabalhadores, hoje um equipamento com apenas um operador consegue desempenhar em um ritmo maior e de forma mais precisa, assim Marx em seu livro “O capital” (2008, tomo 3) destaca que:

Quanto mais a riqueza social cresce, mais numerosa é a sobrepopulação comparativamente ao exército de reserva industrial. Quanto mais este exército de reserva aumenta comparativamente ao exército activo do trabalho e mais massiva é a sobrepopulação permanente, mais estas camadas compartilham a sorte de Lázaro e quanto o exército de reserva é mais crescente, mais grande é a pauperização oficial. Esta é a lei geral, absoluta da acumulação capitalista.

Dessa forma a razão entre a produção de riquezas e a melhora de vida da população crescia de forma inversamente proporcional visto que aqueles que produziam as riquezas não se apropriavam dessas, ficando concentrada nas mãos dos donos dos meios de produção. Havia ainda uma larga porcentagem do proletariado sem trabalho ficando a mercê da pauperização e se sujeitando a subempregos com alto nível de exploração.

A Sindicalização num Contexto de Flexibilização do Trabalho

Diante desse cenário, em especial nos anos 80, a taxa de sindicalização vem decrescendo, de modo geral, no mundo todo, o autor aponta que um dos motivos é justamente o quadro de flexibilização dos trabalhos fazendo com que os sindicatos não consigam contemplar essas pessoas, porém vem surgindo um novo tipo de sindicalização, mais horizontal, mais abrangente, mas mesmo assim a fragilização dessas instituições é

tremenda. (ANTUNES, 2015) Como consequência dessa crise, o direito de greve vem sendo afetado uma vez que dentro de uma empresa estão misturados funcionários efetivos, terceiros, os de jornada reduzida, temporários e com isso o sindicato, que não consegue abranger todos esses indivíduos, perde sua força. Os trabalhadores não conseguem se compreender enquanto pertencentes a um grupo, uma classe e em muitos casos ainda sofrem chacotas, exclusão por não serem efetivos dentro da empresa (mesmo desempenhando o mesmo trabalho que os demais). As consequências são tremendas e favorecem o sistema capitalista uma vez que a exploração aumenta junto com lucro dos burgueses e os indivíduos não conseguem ter o poder de reivindicação de seus direitos.

Ricardo Antunes (2015) coloca cinco tendências que se encaminham devido à crise do mundo do trabalho com relação aos sindicatos:

- Individualização das relações de trabalho onde o antagonismo capital e trabalho se instalam no campo micro, dentro da empresa constituindo uma espécie de sindicalismo dentro da empresa;
- Flexibilização do mercado de trabalho trazendo uma desregulamentação dos direitos conquistados até então com o auxílio dos sindicatos;
- Fim dos modelos sindicais existentes no Brasil e no mundo, em especial os que buscam, de forma mais irreverente, os direitos dos trabalhadores;
- Burocratização e institucionalização dos sindicatos fazendo com que os mesmos percam seu caráter anticapitalista, se desliguem das reivindicações da sociedade;
- Aquisição de uma função ideológica que levanta a bandeira capitalista e com isso convindo com o capital e auxiliando na manipulação.

Quatro Teses Acerca do Mundo do Trabalho

O autor ainda coloca quatro teses com relação ao mundo do trabalho, sendo que na primeira ele defende a importância do trabalho abstrato (quantidade de trabalho físico, mental humano desprendido na confecção de

determinado produto) dentro de uma sociedade produtora de mercadorias, pois é ele que dará o valor de troca do produto. Na segunda Antunes diz que o trabalho enquanto atividade natural e inerente do ser humano de transformar a natureza e se transformar nunca deixarão de existir até pelo fato de que é dessa forma que o indivíduo se transforma em ser social. Já em sua terceira tese ele desmonta a teoria que terá fim a luta de classes e diz que mesmo com a mudança no mundo do trabalho à classe-que-vive-do-trabalho irá unir-se independente de seu contrato ou forma de labor, Antunes ainda coloca que é o segmento social que possui maior potencialidade para lutar contra o capitalismo. A quarta tese defendida é que essa mudança no mundo do trabalho não levará ao desaparecimento dos trabalhadores, é um processo que pode caminhar para a sua emancipação (tanto do trabalho, quanto do indivíduo) desde que se unam enquanto classe, independente de sua colocação no mercado de trabalho. A quinta e última tese aponta o fato que o atual sistema capitalista, em qualquer país, não extinguiu o estranhamento do indivíduo em relação ao seu trabalho uma vez que a omnilateralidade (estado em que o homem sente-se completo em sua vida social e em seu trabalho) está comprometido devendo-se em grande escala aos modos de produção abordados anteriormente. (ANTUNES, 2015)

Novas Características dos Trabalhadores

É cada vez menor o número de pessoas que são expostas a um trabalho de alto ritmo a exemplo do período da Revolução Industrial, pois há uma crescente diminuição do trabalho estável, esses são substituídos ao máximo por máquinas restando poucos empregos no setor. Como consequência, as ofertas de trabalho também diminuem obrigando os indivíduos a se sujeitarem a péssimas condições caracterizadas por baixos salários, insalubridade sendo essa a realidade não só no Brasil, mas também nos Estados Unidos, México, Japão, dentre outros. Nesse panorama surgem os “colaboradores” assim chamados para mascarar a exploração e fazer com que a pessoa se sinta parte do processo, a esses indivíduos é exigido a

polivalência, a multifuncionalidade, ou seja, o funcionário deve desempenhar várias funções, muitas vezes de forma simultânea.

Uma das maiores luta que vem sendo travada é a redução da jornada de trabalho sem a redução do salário tanto para o indivíduo poder ter mais tempo livre quanto para poder gerar mais empregos e dessa forma cobrir um pouco do déficit atual de desempregados. Porém, em muitos casos, a redução do tempo de trabalho não significa a redução do trabalho em si (exemplificado nos chamados aprendizes dentro de uma empresa). O tempo que sobraria é denominado tempo livre, entretanto à todo momento as pessoas são colocadas a serviço do capital e quando não estão sendo exploradas por meio de sua mão de obra o são pelo incentivo ao consumismo ou ainda quando são coagidas a utilizar esse período destinado ao ócio a se qualificarem trazendo benefícios para a empresa que se apropriará de seu conhecimento para extrair a mais valia.

As mulheres são as mais atingidas em seu tempo livre uma vez que possuem uma jornada dupla, a elas competem os cargos com menos qualificação e salário, por uma questão de discriminação de gênero e ainda possuem a reponsabilidade social de ser uma boa mãe, uma boa esposa, lavar a roupa, cozinhar, limpar a casa, dentre outras atividades não sobrando espaço nem para o descanso.

O trabalho ideal é aquele em que o indivíduo tenha prazer tanto dentro como fora do emprego, o trabalho autônomo, por exemplo, desprende o necessário de ser humano, sem excessos o que gera uma emancipação, uma liberdade o que poderá ser alcançado no século XXI. (ANTUNES, 2015)

Ricardo Antunes (2015) diz que diante de um sistema que cria tantas necessidades o ser humano que trabalha fica empobrecido dessas, pois está focado no atendimento de apenas uma necessidade, a de manter-se vivo. Esse quadro faz o homem perder o seu sentimento enquanto gênero humano, se assemelhando aos animais, sendo que a classe subalternizada é a mais atingida. O capital se apropria de tal forma dos indivíduos que acaba dominando suas vontades, sua mente, seu corpo e até seu tempo livre.

A classe fortalece o indivíduo uma vez que são compostas por pessoas que tem características semelhantes e no cotidiano ganham forças, pois é no dia a dia que aparecem as necessidades, então surge à figura dos sindicatos, conselhos os quais tem o objetivo de organizar e reivindicar as questões afloradas.

Se o indivíduo é a expressão da singularidade e o gênero humano é uma dimensão de universalidade, a classe é a dimensão que particulariza os seres sociais que vivenciam condições de similitude em sua existência concreta, no mundo da produção e reprodução social. (ANTUNES, 2015, p.163 – 164)

É por meio do trabalho que o ser social se consolida como tal, ele modifica a natureza e se modifica sempre dentro de um trabalho grupal e utilizando sua capacidade de planejamento, a teleologia. A criatividade humana também se desenvolve com o trabalho, porém se isso não ocorre dá-se uma forma negativa da categoria, o trabalho alienado e estranho. Dentro do sistema capitalista o trabalho se torna o único meio de subsistência, se configurando em “um ser estranho a ele, um meio da sua existência individual.” (MARX apud ANTUNES, 2015, p. 171). As pessoas, por meio da exploração, tornam-se mercadorias, enquanto os produtos adquirem feições humanas sendo mais valorados que o próprio indivíduo que o fabricou e nessas condições o trabalhador não consegue apropriar-se de seu trabalho, do produto final, sendo algo estranho a ele. O seu corpo não o pertence mais, ele o vende para sobreviver apresentando um estranhamento com relação ao seu próprio corpo.

O Mundo do Trabalho em Âmbito de Crise

Para concluir o autor ainda discorre sobre as mudanças do mundo trabalho por conta da crise atual relatando que esse quadro afetou profundamente a classe trabalhadora bem como sua organização em sindicatos e enquanto operários, todavia essa foi mais uma estratégia do capital com o intuito de não haver reivindicações, greves e dessa forma os trabalhadores aceitar ou se conformar com suas condições. Os chamados Círculos de Controle de Qualidade onde o funcionário identifica soluções para a

empresa apresentar melhores resultados é uma forma de apropriação das ideias do mesmo pelo capital. (ANTUNES, 2015)

Para amenizar o quadro apresentado, há quatro medidas a serem tomadas:

- Deve-se produzir visando os valores de uso e não os de troca tornando os produtos socialmente úteis e eliminados à produção destrutiva;
- Esses produtos socialmente úteis devem ser feitos durando o tempo disponível e não no excedente e com isso humanizar o processo, pois acabaria com o fetichismo da mercadoria e as pessoas teriam mais tempo livre em seu sentido pleno;
- Levantar mudanças e reivindicar por elas para melhorar a vida da classe-que-vive-do-trabalho e também com o intuito de lutar contra o capital;
- Lutar por um projeto socialista que vise o resgate da humanização e promova a emancipação dos indivíduos.

Ricardo Antunes (2015) no final do livro emite a conclusão de que não se pode falar do fim do trabalho e sim de uma reestruturação que já vem ocorrendo caracterizada pela menor utilização de trabalhadores no estilo taylorizado e cada vez mais se apoderando do trabalho intelectualizado (que é transferido para a máquina), pois não tem como substituir em sua totalidade o trabalho vivo pelo morto, além das formas flexibilizadas do mesmo como terceirização, jornadas com tempo reduzido com trabalho intensificado e salários mais baixos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente os empregadores tentam de todas as formas retirarem o máximo de cada trabalhador seja na produção ou na apropriação intelectual visto que exigem qualificação constante como requisito para continuar a trabalhar, o que acaba comprometendo até o tempo de lazer fora das empresas uma vez que as pessoas buscam cursos para cumprir as exigências dos empregadores, além de outras formas de controle como deixar um celular

e um notebook com os trabalhadores para que os mesmos trabalhem em casa e possam estar disponível a qualquer momento.

Conclui-se que essas metamorfoses no mundo do trabalho são reflexos do neoliberalismo o qual vem promovendo um desmonte de direitos e dentre eles os trabalhistas, essas novas formas de trabalho impedem que a categoria consiga se perceber quanto classe o que impossibilita dos indivíduos de se organizarem em sindicatos ou num modo geral enquanto proletariado para reivindicar seus direitos. Em contrapartida se tem uma maior exploração e retirada da mais valia fazendo com que uma pequena parcela da população, detentora dos meios de produção, concentre os valores levantados a partir da exploração desses indivíduos. O Estado por sua vez a cada dia adere ainda mais a essa investida neoliberal no sentido de terceirizar suas funções subsidiando um terceiro setor crescente, diminuindo e cortando verbas destinadas às políticas, aumentando os incentivos fiscais às empresas, mostrando que o mesmo existe apenas para uma minoria rica da população o que contraria o princípio de democracia e revela um problema estrutural.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

MARX, Karl. **O capital**. Disponível em:<
<https://coletivocontracorrente.files.wordpress.com/2013/10/tmps7jby.pdf>>.
Acesso 08 de setembro de 2017.